SETOR CULTURAL DE SERGIPE (E DO BRASIL): PODEMOS PENSAR EM DESENVOLVIMENTO?

Cultural sector in Sergipe (and Brazil): can we think of development?

Márcia Baltazar
Universidade Federal de Sergipe – UFS

Resumo: Mostra-se o panorama da produção e da circulação de bens e serviços culturais no estado de Sergipe e no Brasil a partir de dados do Sistema de Informações e Indicadores Culturais do IBGE. O objetivo é levantar pistas para possíveis expansões do setor cultural. Conclui-se que o setor é ainda muito incipiente e vulnerável economicamente. Sem desconsiderar a recessão advinda da pandemia do COVID-19, percebe-se potenciais demandas para teatro, museus e shows em grande parcela da população, e uma necessidade, devido ao isolamento social, de investida das artes cênicas ao mundo da Internet, o que trará aprendizados.

Palavras-chave: Sistema de Informações; Indicadores Culturais; Economia da cultura; Setor cultural; Sergipe, Nordeste.

Abstract: The objective is to show how the production and circulation of cultural goods and services work in the state of Sergipe and in Brazil, according to the IBGE's Cultural Information and Indicators System. The intention is to raise clues for possible ways of expanding the cultural sector. We conclude that this sector is still very nascent and economically vulnerable. Without disregarding the recession resulting from the covid-19 pandemic, we noticed a potential demand for Theater, museums and shows in a large part of the population, and a need, due to the lockdown, for the performing arts to enter the Internet world, which will bring some learning.

Keywords: Information System; Cultural Indicators; Cultural economy; Cultural sector; State of Sergipe; Northeast Region of Brazil.

Pretendemos estudar o desenvolvimento do setor cultural de Sergipe e do Brasil na última década a partir dos dados do Sistema de Informações e Indicadores Culturais (SIIC), um sistema que conflui pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na área de Cultura. Nossa intenção é entender melhor como funcionam a produção e a circulação de bens e serviços culturais no estado, segundo essas fontes de dados, e levantar pistas para possíveis formas de expansão do setor cultural.

Nosso foco tenderá para a área do Teatro, pois este texto faz parte de um projeto chamado "Demandas para a Formação em Teatro no Estado de Sergipe", o qual possui várias frentes de pesquisa[1]. O objetivo maior do projeto foi pensar uma cadeia produtiva que fomente a formação universitária em Teatro e que a Universidade contribua para a expansão e inovação do setor cultural de Sergipe.

Paralelamente a este artigo, estão sendo publicados outros trabalhos e especificamente um artigo sobre os gastos públicos em cultura e a participação coletiva nas formulações de políticas culturais[2], no qual, ressaltamos que a ideia contida na Lei do Plano Nacional de Cultura (Lei 12.343, de 2 de dezembro de 2010), embora esteja sendo pouco executada, é uma proposta de organização, da sociedade civil junto com os governos, para se pensar a cultura enquanto sistema e política de circulação de bens e serviços.

Neste presente texto, como dito, voltamo-nos para o Sistema de Informações e Indicadores Culturais, que nos oferece uma visão da cultura do ponto de vista econômico.

O Sistema de Informações e Indicadores Culturais (SIIC) de 2007 a 2018 foi publicado em dezembro de 2019, encontra-se disponível na página de internet do

[1] Esse projeto, do Departamento de Teatro (DTE/UFS), foi contemplado no edital PROEX/UFS – PIAEX nº 01/2019 - PLANO INTEGRADO PROJETOS, Programa Avança Extensão. Foi executado no período de 10/07/2019 a 31/07/2020. Contou com cinco bolsistas sob a coordenação da autora deste artigo e coordenação adjunta do Prof. Micael Carmo Côrtes Gomes. As frentes de ação foram: Planos de Cultura, Cidades Educadoras, Mundo do Trabalho em Teatro em Sergipe, Avaliação do Curso de Teatro/UFS e Cartilha de Apoio ao Alune de Teatro da UFS.

[2] Este artigo foi aceito para publicação na Revista OuvirOuver sob o título "Perfil da Cultura (e do Teatro) a partir de dados das administrações públicas (IBGE) – foco no Nordeste e em Sergipe". Autoria de Márcia C. Baltazar e Diandra Santos Rodrigues Xavier.

IBGE[3], e no decorrer do texto será referenciado como IBGE (2019a) ou como SIIC. Esse sistema cruza dados de várias pesquisas do IBGE e fornece indicadores sobre as organizações ligadas a atividades culturais, as ocupações em atividades culturais, despesas com Cultura nos três níveis de governo (federal, estadual e municipal), montante dos incentivos fiscais, acesso potencial da população a equipamentos culturais e meios de comunicação, além de apresentar um índice de preços da cultura.

Passemos aos dados.

Produção e ocupação no setor econômico cultural

A primeira fonte mencionada na publicação do SIIC (IBGE, 2019a) é o Cadastro Central de Empresas (CEMPRE). Nessa fonte de dados, o SIIC abrange as empresas e outras organizações formalmente estabelecidas no setor cultural. Como setor cultural, o SIIC considera algumas indústrias de transformação, como as de impressão e reprodução de gravações, fabricação de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos, fabricação de produtos diversos (ex.: instrumentos musicais, brinquedos, joias, bijuterias), e o comércio desses produtos, além das empresas e organizações cadastradas nos setores de informação e comunicação, que executam serviços como edição, atividades cinematográficas, de rádio, televisivas, de gravação audiovisual, de fotografia, de telecomunicações e de tecnologia da informação, empresas e organizações que prestam serviços de arquitetura e engenharia, publicidade e pesquisa de mercado, empresas e organizações de ensino de arte e cultura e ensino de idiomas, e empresas e organizações voltadas especificamente para atividades artísticas, criativas e de espetáculos, atividades ligadas ao patrimônio cultural ambiental e atividades de recreação e lazer.

Essa seleção do SIIC, em 2017, perfez uma quantidade de 325,4 mil empresas e organizações formalmente estabelecidas nas atividades

[3] Ver <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/cultura-recreacao-e-esporte/9388-indicadores-culturais.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 4 jul. 2020.

consideradas pelo IBGE[4] como culturais, as quais ocupavam 1,9 milhão de pessoas. “Essas organizações corresponderam a 6,5% do total que constituía o universo do CEMPRE e 3,7% das pessoas ocupadas” (IBGE, 2019a, p. 157).

No entanto, entre 2007 e 2017, o número de organizações que atuavam em atividades consideradas culturais caiu de 353,2 mil para 325,4 mil (-27,8 mil) e “o pessoal ocupado total na cultura cresceu 7,2%, entre 2007 e 2017, com um saldo líquido positivo de 129,9 mil pessoas formalmente ocupadas na cultura, mas perdeu participação no total (de 4,2% para 3,7%)” (IBGE, 2019b, p. 3).

Outra fonte do SIIC são as Pesquisas Estruturais Econômicas[5], as quais são feitas com base em uma amostra de empresas dentro de um universo menor que o do CEMPRE. De acordo com essas pesquisas:

> [...] havia, em 2017, 223,4 mil empresas associadas ao setor cultural, que ocuparam 1,7 milhão de pessoas e geraram uma receita líquida de aproximadamente R$ 539 bilhões. O valor adicionado pelo setor nesse ano foi de cerca de R$ 226 bilhões. (IBGE, 2019b, p. 4)

> [...] entre 2007 e 2017, as empresas nas atividades culturais perderam participação em todas as variáveis estudadas: número de empresas (de 9,0% para 7,1%); pessoal ocupado (de 6,3% para 5,6%); receita líquida (8,8% para 7,0%); custo total (8,5% para 6,8%); e valor adicionado (12,2% para 10,1%), sempre comparando com total formado pelo agregado da Indústria de transformação, do Comércio e dos Serviços não financeiros. (IBGE, 2019a, p. 159)

No setor econômico cultural, 63,3% das organizações estavam no setor de serviços em 2017, “sendo responsáveis por 65,6% das ocupações e pelo pagamento de 76,2% dos salários. Dentro dos serviços, destacaram-se as atividades de Informação e Comunicação (43,3%) e Atividades profissionais, científicas e técnicas (10,6%) na participação de pessoas ocupadas” (IBGE, 2019a, p. 157).

[4] As pesquisas do IGBE para o setor cultural se fundamentam no Marco Referencial para Estatísticas Culturais da UNESCO, de 2009.
[5] Pesquisa Industrial Anual- Empresa (PIA-Empresa), Pesquisa Anual de Comércio (PAC) e Pesquisa Anual de Serviços (PAS).

Ainda neste ano de 2017, no Brasil, havia 16.176 empresas e organizações formais prestadoras de atividades artísticas, criativas e de espetáculos (4,9% das empresas do setor cultural)[6], 3.277 empresas e organizações formais prestadoras de serviços específicos de ensino de arte e cultura (1% do setor cultural), 10.487 empresas e organizações formais de produção cinematográfica, de vídeos e de programas de televisão (3,2% do setor cultural), 4.512 empresas e organizações formais de rádio (1,3% do setor cultural) e 1.172 empresas e organizações de televisão (aberta e por assinatura) (0,3% do setor cultural). Essas empresas e organizações nos interessam especificamente, pois consideramos que sejam nelas que muitas das atividades relacionadas às artes cênicas se efetuam enquanto campo de trabalho; elas representavam, em 2017, 10,7% do setor cultural.

Em Sergipe, entre 2007 e 2017, o número de empresas e organizações formais no setor da cultura passou de 1.804 para 1.890, mantendo-se representando 0,5% do total de unidades locais de empresas e organizações do setor cultural brasileiro considerado pelo IBGE. Notemos que a população de Sergipe, em 2017, representava cerca de 1,2% da população total brasileira.

O pessoal ocupado assalariado no setor cultural em Sergipe passou de 6.031 para 7.543 pessoas, perfazendo um aumento de 25,1% de ocupações assalariadas (maior que o aumento nacional de 12,4%), e o salário médio variou de R$ 1.514 (52,8% do salário médio brasileiro para o setor cultural, em 2007) para R$ 1.625 (47,2% do salário médio brasileiro para o setor cultural do CEMPRE, em 2017)[7].

Em Sergipe, em 2018, as pessoas ocupadas no setor cultural eram maioria do sexo feminino (51,2%) comparado ao masculino (48,8%), sendo diferente do encontrado no total do CEMPRE, no qual a maioria ocupada em todos os setores

[6] Essas atividades estão distribuídas em três categorias: 1) Artes cênicas, espetáculos e atividades complementares (14.978), 2) Criação artística (798), 3) Gestão de espaços para artes cênicas, espetáculos e outras atividades artísticas (400).
[7] Esses cálculos de salário médio foram deflacionados pelo IBGE pelo Índice de Preços ao Consumidor (INPC) de 2017.

econômicos é do sexo masculino. No entanto, na capital Aracaju, a distribuição foi 60,3% de homens e 37,7% de mulheres ocupadas no setor cultural.

Segundo a Agência Notícias do IBGE:

> Apesar de terem se tornado maioria entre os trabalhadores do setor cultural, as mulheres continuavam ganhando menos do que os homens. De 2014 para 2018, a participação feminina passou de 47,6% para 50,5%. No último ano, o rendimento das mulheres foi de R$ 1.805, e dos homens foi R$ 2.586, uma diferença de R$ 781, enquanto em todos os setores, essa disparidade era de R$ 508. (CABRAL, 2019, p. 3)

Segundo o pesquisador Leonardo Athias, do IBGE, a diferença salarial entre homens e mulheres na cultura é maior que nos demais setores devido "ao fato do setor cultural ter mais profissionais com nível superior e a gente sabe, pelos estudos de gênero, que a desigualdade nesse nível de escolaridade é maior do que em outros níveis" (CABRAL, 2019, p. 3).

No entanto, "na administração pública, para as atividades culturais, as mulheres ganharam em média (R$ 5.445,00), o que representava 108,6% do salário dos homens (R$ 5.015,00) em 2017" (IBGE, 2019b, p. 3). Talvez pelo fato de que as mulheres ocupem mais os cargos de chefia em relação aos homens no setor cultural governamental.

De acordo com o SIIC, em 2018, brancos eram 52,6%, enquanto que pretos ou pardos eram 45,7% (uma diferença de 6,9 pontos percentuais) entre os trabalhadores do setor cultural. "Isso mostra que, em 2018, os trabalhadores pretos ou pardos na cultura ainda estavam sub-representados em relação ao total da população ocupada (51,3% de pretos ou pardos)" (IBGE, 2019b, p. 9-10). Mas, em 2014, essa distribuição era menos igualitária ainda, 42,3% de pretos ou pardos para 56,8% de brancos (diferença de 14,5 pontos percentuais).

Já no Nordeste, essa proporção se inverte, sendo, por exemplo, em 2018, 27,9% brancos e 71,2% pretos e pardos no setor cultural, e 25% de brancos e 74,1% pretos e pardos em todos os setores econômicos. Especificamente em Sergipe e em Aracaju, em 2018, essas proporções são ainda maiores para pretos

e pardos e menores para brancos, tanto no setor cultural quanto no total de setores econômicos, sendo mais igualitárias se comparadas às declarações dos habitantes[8] do estado como sendo 79,7% pretos ou pardos e 19,4% brancos.

"Em todo o período analisado, os trabalhadores do setor cultural apresentavam um nível de instrução mais elevado que o observado entre os ocupados no mercado de trabalho em geral" (IBGE, 2019a, p. 134).

Destacamos que Sergipe estava entre os sete estados com maior porcentagem de trabalhadores no setor cultural com ensino superior completo, e Aracaju era a capital com maior porcentagem de ocupados no setor cultural com ensino superior completo (61,2%).

Na análise regional das unidades locais das empresas e organizações culturais por faixa de pessoal ocupado no CEMPRE 2017, observamos que o setor é formado, em sua maioria, por pequenas empresas.

> Para todas as regiões, foi possível observar a forte concentração de unidades locais culturais na faixa de até 4 pessoas ocupadas, com 78,5% das unidades locais culturais do País; [...].
> A análise do pessoal ocupado assalariado revelou que, considerando o total de unidades locais culturais do País, a maior concentração de pessoas assalariadas estava na faixa de 5 a 19 (30,3%). Os destaques nessa faixa foram a Região Nordeste, com 37,5% dos assalariados, seguida pelas Regiões Centro-Oeste, com 34,8%, e Sul, com 34,4%. Com exceção da Região Norte, a faixa de 20 a 99 era a segunda em termos de concentração de assalariados em 2017. Somada à faixa de 5 a 19, totalizavam mais de 50,0% dos assalariados. A Região Nordeste concentrava 67,8% dos assalariados das atividades culturais nessas duas faixas. A faixa de 0 a 4 (8,3%) foi a que somou o menor número de assalariados da cultura, com exceção para a Região Nordeste, cuja menor concentração de assalariados ficou na faixa de 500 pessoas ou mais (2,5%). (IBGE, 2019a, p. 59-60)

Na tabela 5 do SIIC (IBGE, 2019a, p. 60), notamos que o montante de salários e outras remunerações do Nordeste, em relação ao todo de salários e remunerações do setor cultural, era de apenas 6,7%, enquanto o Nordeste

[8] De acordo com reportagem do G1 Sergipe, publicada em 13/11/2019.

representava 11,7% do total de ocupados assalariados no setor, em 2017. Ou seja, a partir desses dados, deduzimos que a média do valor salarial do Nordeste estava abaixo na média salarial do Brasil no setor cultural.

Sobre a quantidade de pessoal assalariado e salário médio mensal real no setor cultural, em 2017, pelos dados do CEMPRE:

> [...] São Paulo apareceu com o maior contingente, com cerca de 554,7 mil pessoas, seguido de Rio de Janeiro, 153,0 mil pessoas, e Minas Gerais, 119,6 mil pessoas. Com relação ao salário médio mensal das atividades culturais, em 2017, os maiores valores foram pagos pelo Distrito Federal (R$ 4.613), São Paulo (R$ 4.414) e Rio de Janeiro (R$ 4.409). Por seu turno, os menores salários foram observados no Maranhão (R$ 1.580), Piauí (R$ 1.602) e **Sergipe (R$ 1.625)**. (IBGE, 2019a, p. 62, negrito nosso)

Damos destaque ao estado de Alagoas que apresentou o maior crescimento no pessoal ocupado nas atividades culturais (65,9%) entre 2007 e 2017.

Quanto ao salário médio mensal real no setor cultural em 2017, o SIIC mostra que o salário médio do Nordeste era inferior ao salário médio brasileiro em 57,5%. Na Região, o *ranking* do valor real do salário em 2017 era: 1º. Pernambuco, 2º. Bahia, 3º. Rio Grande do Norte, 4º. Ceará, 5º. Paraíba, 6º. Alagoas, 7º. Sergipe, 8º. Piauí e 9º. Maranhão (os três últimos sendo os piores salários médios do Brasil no setor cultural, em 2017).

Infelizmente, o rendimento[9] real na cultura caiu muito nos últimos anos:

> O rendimento médio mensal real do trabalho principal da população de 14 anos ou mais de idade ocupada em atividades culturais foi estimado em R$ 2.391,00 em 2014, e em R$ 2.193,00 em 2018, o que representa uma redução de 8,3%. Esses valores estiveram pouco acima dos rendimentos recebidos pela população ocupada no total das atividades produtivas, R$ 2.218,00 em 2014, e R$ 2.163,00 em 2018 (redução de 2,5%).
> [...] As mulheres também apresentaram maior queda do rendimento na cultura (-8,0%), em comparação ao dos homens (-6,8%). (IBGE, 2019b, p. 11).

[9] Consideramos rendimentos não apenas salários, mas também outros tipos de renda.

O SIIC também apresenta alguns dados selecionados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua)[10]. O SIIC elenca como atividades econômicas e ocupações culturais da PNAD Contínua, para o estudo do setor cultural nos últimos anos, as seguintes:

> Impressão e reprodução de gravações
> Fabricação de componentes eletrônicos
> Fabricação de equipamentos de informática e periféricos
> Fabricação de equipamentos de comunicação e de aparelhos de recepção, reprodução, gravação e amplificação de áudio e vídeo
> Fabricação de equipamentos e instrumentos ópticos, fotográficos e cinematográficos e de mídias virgens, magnéticas e ópticas
> Fabricação de artigos de joalheria, bijuteria e semelhantes
> Fabricação de instrumentos musicais
> Fabricação de artefatos para pesca e esporte e de brinquedos e jogos recreativos
> Comércio de artigos de escritório e de papelaria; livros, jornais e outras publicações
> Comércio de equipamentos e produtos de tecnologias de informação e comunicação
> Edição e Edição integrada à impressão
> Atividades cinematográficas, produção de vídeos e de programas de televisão, gravação de som e de música
> Atividades de rádio
> Atividades de televisão
> Telecomunicações
> Atividades de prestação de serviços de informação
> Publicidade
> Aluguel de objetos pessoais e domésticos
> Atividades artísticas, criativas e de espetáculos
> Atividades ligadas ao patrimônio cultural e ambiental
> Atividades de recreação e lazer. (IBGE, 2019a, p. 37)

Do rol de ocupações elencadas na PNAD Contínua, foram selecionadas, no SIIC, as seguintes como ocupações culturais:

> Chefes de pequenas populações
> Arquitetos de edificações
> Arquitetos paisagistas
> Desenhistas de produtos e vestuário
> Urbanistas e engenheiros de trânsito

[10] A PNAD Contínua é uma pesquisa amostral de domicílios brasileiros realizada trimestralmente que visa produzir informações sobre o desenvolvimento socioeconômico e indicadores conjunturais de trabalho e rendimento.

Desenhistas gráficos e de multimídia
Profissionais da medicina tradicional e alternativa
Outros professores de idiomas
Outros professores de música
Outros professores de artes
Profissionais da publicidade e da comercialização
Desenvolvedores de páginas de Internet (web) e multimídia
Arquivologistas e curadores de museus
Bibliotecários, documentaristas e afins
Sociólogos, antropólogos e afins
Filósofos, historiadores e especialistas em ciência política
Escritores
Jornalistas
Tradutores, intérpretes e linguistas
Artistas plásticos
Músicos, cantores e compositores
Bailarinos e coreógrafos
Diretores de cinema, de teatro e afins
Atores
Locutores de rádio, televisão e outros meios de comunicação
Artistas criativos e interpretativos não classificados anteriormente
Desenhistas e projetistas técnicos
Profissionais de nível médio de medicina tradicional e alternativa
Organizadores de conferências e eventos
Fotógrafos
Desenhistas e decoradores de interiores
Técnicos em galerias de arte, museus e bibliotecas
Chefes de cozinha
Outros profissionais de nível médio em atividades culturais e artísticas
Técnicos de radiodifusão e gravação audiovisual
Trabalhadores de bibliotecas
Modelos de moda, arte e publicidade
Confeccionadores e afinadores de instrumentos musicais
Joalheiros e lapidadores de gemas, artesãos de metais preciosos e semipreciosos
Ceramistas e afins (preparação e fabricação)
Cortadores, polidores, jateadores e gravadores de vidros e afins
Redatores de cartazes, pintores decorativos e gravadores
Artesãos de pedra, madeira, vime e materiais semelhantes
Artesãos de tecidos, couros e materiais semelhantes
Artesãos não classificados anteriormente
Marceneiros e afins
Alfaiates, modistas, chapeleiros e peleteiros
Costureiros, bordadeiros e afins
Sapateiros e afins
Operadores de máquinas para fabricar produtos fotográficos. (IBGE, 2019a, p. 38-9)

Na tabela 1 abaixo, mostramos, para a semana de referência da pesquisa, em 2018, como as pessoas estavam distribuídas nas ocupações culturais no Brasil e no Nordeste e como estas ocupações estavam distribuídas nas atividades econômicas. Comparamos esses dados com as demais ocupações e atividades econômicas em geral.

Tabela 1: Pessoas de 14 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por tipo de ocupação, com indicação do coeficiente de variação, segundo as Grandes Regiões e o tipo de atividade – 2018

Grandes Regiões e tipo de atividade	Pessoas de 14 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência							
	Ocupação cultural	Demais ocupações			Ocupação cultural		Demais ocupações	
	Total	CV[11] (%)	Total	CV (%)	Total	CV (%)	Total	CV (%)
	Valores absolutos (1 000 pessoas)				Valores relativos (%)			
Brasil								
Atividade cultural	617	A	1 681	A	0,7	A	1,8	A
Demais atividades	2 948	A	87 087	A	3,2	A	94,3	A
Nordeste								
Atividade cultural	111	B	267	B	0,5	B	1,3	B
Demais atividades	632	A	20 154	A	3,0	A	95,2	A

Fonte: Tabela 6.9 (2018) do grupo de tabelas do SIIC "População ocupada na Cultura". Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/cultura-recreacao-e-esporte/9388-indicadores-culturais.html?=&t=resultados>. Acessado em: 07 jul. 2020, 11:13 a.m.

No Brasil, tínhamos apenas 0,67% de pessoas ocupadas em atividades econômicas culturais e que exerciam ocupações culturais, comparadas com a soma de todas as ocupações e atividades. No Nordeste, essa porcentagem foi ainda menor (0,5%). A média, no País, de pessoas ocupadas nas atividades e ocupações culturais era de 5,7% em relação ao total (soma de pessoas que exercem ocupação cultural em todas as atividades econômicas e pessoas que estão em atividades culturais, mas exercem outro tipo de ocupação). No Nordeste,

[11] CV é coeficiente de variação da amostra. A está entre 0 e 5, e B está entre 5 e 15.

o percentual de pessoas trabalhando no setor cultural foi de 4,8%, menor que a média do País[12].

"Em termos regionais, em 2018, entre as Unidades da Federação, São Paulo (7,1%), Rio de Janeiro (6,8%) e Ceará (6,4%) apresentaram o maior percentual de pessoas trabalhando no setor cultural em relação à média do País (5,7%)" (IBGE, 2019a, p. 162). Em Sergipe, essa média foi 4,5%.

"[...] Da mesma forma, a ocupação cultural se mostrou mais frequente nas capitais em relação à média dos municípios das Unidades da Federação. Os maiores valores estavam em Florianópolis (10,4%), Manaus (9,1%) e São Paulo (9,1%)" (IBGE, 2019a, p. 162). Em Aracaju, essa média foi de aproximadamente 5,3%.

Abaixo, reproduzimos uma importante análise do SIIC por categoria de emprego no setor cultural a partir da PNAD Contínua:

> De 2014 para 2018, a participação dos trabalhadores com carteira assinada na população ocupada reduziu no Brasil e tal movimento foi acompanhado pelo setor cultural. Nesse período, ficou evidenciado o aumento da participação dos trabalhadores por conta própria, tanto na população ocupada total quanto na população ocupada na cultura. **O percentual de ocupados que possuíam carteira de trabalho assinada caiu de 39,3% para 35,6%, enquanto que esse percentual, para os ocupados na cultura, foi de 45,0% para 34,6% – uma redução mais acentuada, de 10,4 pontos percentuais.** Por outro lado, ainda no mesmo período, para os ocupados no total da economia, **o percentual de trabalhadores por conta própria** aumentou de 23,2% para 25,4%. **No setor cultural, o aumento foi de 32,5% para 44,0%, passando a ser, desde 2016, a posição na ocupação mais frequente nesse setor**. (IBGE, 2019a, p. 135, negrito nosso).

Pelos dados do SIIC (IBGE, 2019a, p. 136), notamos também que a participação de empregados do setor público (militares e estatutários) no setor cultural, tanto em 2014 (3,2%), quanto em 2018 (3%), foi menor do que este índice

[12] Não mostramos na tabela, mas o Sudeste apresentou a maior porcentagem de trabalhadores no setor cultural na semana de referência da pesquisa, 6,5%.

para todos os setores (12,5% em 2014, e 12,6% em 2018). Parece, portanto, que o setor público oferece poucos empregos para ocupações culturais no País.

Na Região Nordeste, tivemos a seguinte distribuição de empregos no setor cultural em 2018: 25,9% empregados do setor privado com carteira; 16,7% empregados do setor privado sem carteira; 3,8% empregados do setor público (militares e estatutários); 4,2% empregadores; 47,5% conta própria; e 1,9% outros. Em 2014, essas porcentagens eram: 33,6% empregados do setor privado com carteira; 18,9% empregados do setor privado sem carteira; 4,9% empregados do setor público (militares e estatutários); 3,6% empregadores; 32,1% conta própria; e 1,5% outros.

A informalidade[13] aumentou consideravelmente dentro do setor cultural. Como houve uma estabilidade entre 2014 e 2018 de ocupados no setor cultural, houve uma substituição da formalidade pele informalidade nos empregos. “Em 2014, 38,3% (2,0 milhões) de trabalhadores culturais estavam na informalidade, enquanto, em 2018, esse percentual atingiu 45,2% (2,4 milhões de trabalhadores)” (IBGE, 2019a, p. 136).

Esses números, para a Região Nordeste, ficam mais gritantes. Em 2018, 60,7% dos trabalhadores do setor cultural estavam no setor informal de emprego; proporção que sempre foi maior na Região Nordeste desde 2014 para todos os setores econômicos, inclusive o cultural, e aumentou no período analisado. Para Sergipe, a porcentagem de ocupações informais, em 2018, era de 56,3%, e, para Aracaju, era de 31,3%, sendo que a amostra de domicílios de Aracaju apresentou um coeficiente de variação entre 30 e 50.

Ratificando o cenário da informalidade, as regiões Nordeste e Norte, no conjunto do setor cultural[14], foram as que apresentaram maiores percentuais de trabalhadores que trabalham até 14 horas semanais. “As Regiões Nordeste, com

[13] Segundo o SIIC, “a ocupação informal é representada por empregados e trabalhadores domésticos sem carteira de trabalho assinada; trabalhadores por conta própria e empregadores que não contribuem para a previdência social; e trabalhadores familiares auxiliares” (IBGE, 2019a, p. 136).
[14] “Nas horas habitualmente trabalhadas no trabalho principal, os trabalhadores do setor cultural apresentaram uma carga horária inferior ao total geral nos cinco anos analisados” (IBGE, 2019a, p. 137).

7,2% no total geral e 12,1% no setor cultural, e Norte, com 5,4% para o total geral e 10,6% para o setor cultural, foram as que apresentaram um maior percentual de trabalhadores na faixa de até 14 horas semanais" (IBGE. 2019a, p. 137).

Outra característica do setor cultural é que muitos dos ocupados nesse setor o têm como trabalho secundário[15]:

> Em 2014, 5,7% (5,2 milhões) das pessoas ocupadas no trabalho principal trabalharam no setor cultural, enquanto que, no trabalho secundário, esse percentual foi de 8,2% (240 mil pessoas). Em 2018, o percentual de ocupados em cultura no trabalho principal continuou em 5,7% (5,2 milhões) e, no trabalho secundário, aumentou para 8,6% (300 mil pessoas, um aumento de 25,2% ante 2014). (IBGE, 2019a, p. 139)

Pelas PNAD´s Contínua de 2014 e 2018, analisamos também os rendimentos das pessoas ocupadas no setor cultural nas semanas de referência. Note-se que rendimentos englobam rendas de empregos informais e não apenas salários. Nesse aspecto, houve uma retração na remuneração no setor cultural na maioria dos estados. Entretanto, em Sergipe, houve um aumento real da remuneração no setor cultural, passando de R$ 1.242, em 2014, para R$ 1.545, em 2018, ficando acima dos rendimentos médios do Nordeste no setor (R$ 1.357, em 2018). Mesmo assim, o rendimento médio de Sergipe no setor cultural ficou bem abaixo da média mensal do Brasil em 2018 (R$ 2.193). Mas, Aracaju apresentou nesse ano o maior rendimento médio (R$ 2.444), entre os ocupados no setor cultural das capitais do Nordeste.

Consumo em Cultura

O SIIC 2017-2018 apresentou o Índice de Preços da Cultura (IPCult) que apresentou um crescimento anual médio de 3,5%, abaixo do crescimento do

[15] "Para a pessoa com mais de um trabalho na semana de referência, isto é, ocupada em mais de um empreendimento, define-se como principal aquele em que a pessoa trabalhava normalmente maior número de horas semanais. Havendo igualdade no número de horas normalmente trabalhadas, define-se como principal aquele que proporcionava normalmente maior rendimento mensal. Em caso de igualdade, também, no rendimento mensal habitual, define-se como trabalho principal aquele em que a pessoa tinha mais tempo de permanência" (IBGE, 2019a, p. 137).

Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). O IPCult foi calculado a partir de uma cesta de bens culturais passíveis de serem consumidos pelas famílias brasileiras e que foram selecionados dos itens elencados na Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) de 2008 e 2009. No entanto, esses 35 itens, dadas a mudança de hábitos culturais ocorrida velozmente nas últimas décadas, estão desatualizados[16] e, obviamente, tornaram-se menos consumidos no decorrer do período.

Mesmo tendo em vista a crítica à desatualização da cesta de cultura do IPCult, é razoável que o grupo de serviços de telefonia, TV por assinatura e internet tenha sido o principal agrupamento de bens e serviços na composição do índice (40%), apresentando uma gradual diminuição de peso no decorrer do período entre 2012 e 2018. O grupo produtos e atividades de ensino teve um peso acrescido de 2,4 percentuais no IPCult no período.

Há também diferenças regionais no IPCult. Por exemplo, os grupos despesas pessoais com serviços culturais e despesas pessoais com produtos culturais são relativamente mais importantes nas Regiões Sudeste e Sul, enquanto o grupo de serviços de telefonia, TV por assinatura e internet tem peso maior no Nordeste e no Centro-Oeste.

Outra fonte de dados do SIIC é a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) de 2017 e 2018. Por meio dessa pesquisa, percebe-se que as famílias com maiores rendimentos gastam proporcionalmente mais de seu orçamento com bens e serviços da cultura.

> Ao se debruçar sobre as diferentes categorias de produtos (grupos de bens e serviços culturais), tem-se resultados de estrutura similares aos vistos com o IPCult. Serviços de telefonia, TV por assinatura e Internet representavam 59,9%, em média, do consumo familiar de cultura no Brasil, inclusive nas classes de menores rendimentos. Esses gastos chegaram a 66,8% do total do gasto familiar com cultura para famílias com renda entre R$ 1.908 e R$ 2.862 (mais de 2 a 3 salários mínimos). Isso sinaliza o papel das novas tecnologias de fruição

[16] Por exemplo, como despesas pessoais com serviços culturais, são considerados no IPCult apenas cinema, ingresso para jogo, clube, locação de DVD, boate e danceteria, excursão e revelação/cópia.

> cultural digital, surgidas a partir da popularização da Internet e de serviços de *streaming*. Tais serviços alcançam inclusive as famílias das classes de rendimento inferior. Contudo, é importante ressaltar que essa participação relativa alta se deve também ao custo desses serviços, que acaba tendo um peso maior para as famílias com menores rendimentos. (IBGE, 2019a, p. 161)

Abaixo, mostraremos uma tabela comparativa do Brasil, da Região Nordeste e de Sergipe com as despesas médias mensais, em real e distribuição percentual, por grupos de gastos considerados de cultura na POF 2017 -18[17].

O gasto médio mensal familiar com atividades culturais atingiu R$ 282,86 em 2017-2018 no Brasil, o que representava 7,5% do orçamento familiar médio brasileiro. No entanto, as famílias com rendimento de até R$ 1.908,00 comprometiam apenas 5,9% de seus gastos com atividades culturais (R$ 82,15), enquanto que aquelas com renda superior a R$ 23.850,00 destinavam 7,9% de seus orçamentos à cultura (R$ 1.443,41). (IBGE, 2019b).

Em relação à média, em real, mensal das famílias com despesas em cultura, as Regiões Norte e Nordeste ficaram abaixo da média. Dentre as Unidades da Federação dessas duas Regiões, Sergipe fica com a terceira maior despesa, abaixo do Amapá (R$ 250,08) e do Rio Grande do Norte (R$ 239,78).

Tabela 2: Despesa monetária e não monetária média mensal familiar com cultura, por grupos de despesa, segundo as Grandes Regiões e Unidades da Federação - 2017-2018

	Grandes Regiões e Unidades da Federação		
	Brasil	**Nordeste**	**Sergipe**
Despesa Total com Cultura	282,86	181,45	220,00
%	100,00	100,00	100,00
Artefatos de madeira e decoração	4,61	3,00	2,33
%	1,6	1,7	1,1
Edição, impressão, artigos de papelaria e de artesanato	7,04	4,09	4,71
%	2,5	2,3	2,1
Material gravado e para gravação	0,52	0,51	0,60
%	0,2	0,3	0,3
Aquisição de eletrodomésticos	28,76	24,95	24,73
%	10,2	13,8	11,2

[17] A POF 2017-18 abordou itens culturais mais condizentes com os hábitos culturais da sociedade brasileira da segunda década do século XXI.

Brinquedos, jogos e material de lazer	10,37	6,89	6,06
%	3,7	3,8	2,8
Serviços de telefonia, TV por assinatura e internet	169,32	107,32	137,04
%	59,9	59,1	62,3
Atividades de cultura, lazer e festas	40,63	22,79	29,25
%	14,4	12,6	13,3
Educação profissional e atividades de ensino	8,05	2,50	1,87
%	2,8	1,4	0,8
Instrumentos e atividades musicais	2,16	1,10	1,14
%	0,8	0,6	0,5
Profissionais ligados à cultura	4,80	2,74	2,73
%	1,7	1,5	1,2
Acessórios pessoais	6,59	5,55	9,54
%	2,3	3,1	4,3

Fontes: Tabelas 31 e 32 do SIIC 2007-2018 (IBGE, 2019a, p. 119-122).

Pela Tabela 2, notamos que o valor das despesas mensais em cultura pelas famílias sergipanas era, em média, maior que o valor das despesas das famílias residentes no Nordeste, e menor do que o valor das despesas em cultura das famílias brasileiras.

Aprofundando o estudo das despesas dos grupos relacionados mais diretamente aos serviços prestados por ocupados em artes cênicas; ou seja, atividades de cultura, lazer e festas, educação profissional e atividades de ensino e profissionais ligados à cultura; além de valores em reais relativamente mais baixos que a média brasileira, as famílias do Nordeste e do estado de Sergipe mostram dispêndios proporcionalmente menores nesses grupos. A soma de despesas nesses grupos no Brasil foi de R$ 53,48 (18,9% do total de despesas em cultura), enquanto que no Nordeste foi de R$ 28,03 (15,5%) e, em Sergipe, R$ 33,85 (15,3%). As famílias sergipanas mostraram maiores gastos em atividades de cultura, lazer e festas em relação ao total das famílias nordestinas.

Há grandes diferenças de consumo desses grupos de acordo com as classes de rendimentos das famílias. Por exemplo, quanto ao grupo Atividades de cultura, lazer e festas (R$ 40,63 média mensal brasileira), esses gastos passam da média de R$ 7 mensais nas famílias com rendimentos até R$ 1.908, para R$

313,19 nas famílias com rendimentos superiores a R$ 23.850. Essas despesas representam, respectivamente para essas famílias, em relação ao total de despesas com cultura, 8,5% e 21,7% do orçamento familiar (Tabela 3).

Fizemos um estudo específico para o subgrupo de despesas familiares Teatro, museus e shows (inserido no grupo Atividades de cultura, lazer e festas) a partir do SIIC. A média brasileira de gastos familiares com essas atividades foi de R$ 7,37 mensais. Esse valor subiu de R$ 1,20, nas famílias com rendimentos até R$ 1.908, para R$ 54,49 para aquelas com rendimentos superiores a R$ 23.850. Se compararmos o peso dos gastos com Teatro, museus e shows entre as classes de rendimentos das famílias, veremos que tais gastos aumentam rapidamente à medida que passamos das famílias com rendimentos de até R$ 1.908 para as famílias com rendimentos de até R$ 9.540 (o que representa 87,5% da amostra). Isso pode mostrar um potencial de expansão de consumo de Teatro, museus e shows entre as classes menos favorecidas economicamente.

Tabela 3: Despesa monetária e não monetária média mensal familiar com cultura, por classes de rendimento total e variação patrimonial mensal familiar, segundo os grupos de despesa Atividades de cultura, lazer e festas, e subgrupo Teatro, museus e shows, com indicação da distribuição percentual em relação à despesa total do grupo Cultura - Brasil - 2017-2018

Grupos e subgrupos de Despesa com indicação do número e tamanho médio das famílias	Classes de rendimento total e variação patrimonial mensal familiar															
	Total		Até R$ 1.908 (1)		Mais de 1.908 a 2.862		Mais de 2.862 a 5.724		Mais de 5.724 a 9.540		Mais de 9.540 a 14.310		Mais de 14.310 a 23.850		Mais de 23.850	
	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%
Atividade de cultura, lazer e festas	40,63	14,4	7,00	8,5	11,53	8,4	26,28	11,1	60,17	14,2	104,10	17,2	164,40	18,9	313,19	21,7
Teatro, museus e shows	7,37	2,6	1,20	1,5	2,42	1,8	4,72	2,0	12,48	3,0	17,34	2,9	27,25	3,1	54,49	3,8

(1) Inclusive sem rendimento.
Fonte: Tabelas 5.3 e 5.4 Gastos das Famílias/SIIC 2007-2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/cultura-recreacao-e-esporte/9388-indicadores-culturais.html?=&t=resultados>. Acesso em: 13 jul. 2020.

Percebemos também, através dos dados do SIIC, que a fruição cultural, hoje em dia, está muito relacionada ao acesso à Internet e ao celular.

"A Região Centro-Oeste apresentou o maior percentual (76,6%) de uso da Internet em 2017, seguida da Sudeste (76,5%) e Sul (73,2%). Por outro lado, Norte

(60,1%) e Nordeste (58,4%) apresentaram os menores percentuais, ficando abaixo da média nacional" (IBGE, 2019a, p. 140). No entanto, Sergipe ficou acima da média do Nordeste (64,6%) quanto ao uso da Internet, e Aracaju foi a capital nordestina com maior percentual de habitantes com acesso à Internet (84,2%).

> Quanto à finalidade de acesso (à Internet), em relação às estudadas, destaca-se assistir a vídeos, inclusive programas, séries e filmes, utilizada por 81,8% dos usuários em 2017, mas mostrando desigualdades no País e entre grupos populacionais. Foi mais utilizada por homens em relação a mulheres, jovens em relação a adultos e idosos, e com maior proporção entre pessoas com nível de instrução mais elevado.
> [...] Em 2017, 82,9% das pessoas de 10 anos de idade ou mais, de cor ou raça branca, possuíam celular para uso pessoal, ante 74,6% dos pretos ou pardos. (IBGE, 2019a, p. 163)

A respeito do acesso potencial a equipamentos culturais e meios de comunicação, as pesquisas do IBGE nos mostram que as populações que vivem em cidades com poucos habitantes, geralmente, não dispõem de equipamentos e serviços culturais. Há uma "maior proporção da população vivendo em municípios sem museus, teatros e salas de espetáculo, cinemas, Rádio AM ou FM local e provedor de Internet no Norte e Nordeste do País" (IBGE, 2019a, p. 163).

Quanto a teatros ou salas de espetáculo, a Região Nordeste apresentou, em 2018, a pior proporção desses equipamentos culturais por residentes (54,2%), e Sergipe uma proporção ainda menor, 46,4%.

Considerações Finais

De forma geral, o SIIC abrange também setores indiretamente ligados à cultura que compõem a engrenagem de produção de bens e serviços considerados culturais pelo Marco Referencial para Estatísticas Culturais da UNESCO. Nesse conjunto, nomeado setor (econômico) cultural, que já é pequeno se comparado com outros setores econômicos, as atividades especificamente artísticas, como as do Teatro, são ínfimas para os parâmetros globais de circulação de bens e serviços.

Sobre os hábitos culturais contemporâneos, salta aos olhos a importância da Internet e dos celulares, chamando-nos também atenção que muitas pessoas os utilizam para assistir a vídeos de programas, séries e filmes.

A escrita deste artigo ocorreu durante a pandemia do vírus da covid-19, quando as atividades de artes cênicas foram obrigadas a se transformarem em vídeo. Ou seja, algo que, em sua natureza, ocorria no encontro presencial de corpos[18], agora, e por enquanto, torna-se necessariamente mediada pela tela. Isso, por um lado, obriga, drasticamente, todas as produções artísticas (que buscam o contato com o público) a fazerem uso da Internet, o que, por outro lado, pode permitir (ou não) aos artistas da cena acessarem um público maior do que o dos padrões anteriores à pandemia.

Sabemos que a mediação em vídeo implica em diferenças significativas de linguagens artísticas. Sabemos, também, que o meio mais comum de acesso à Internet, o celular, é um aparelho móvel que pode ser levado a muitos ambientes, o que modifica bastante o caráter ritualístico de um evento de artes cênicas. Sem contar a relação dual obra e telespectador e não mais a relação coletiva.

Observamos, pelos dados acima, que quando falamos de atividades diretamente relacionadas à cultura, os gastos da sociedade brasileira estão voltados para eventos coletivos, inclusive nos chamando atenção um possível potencial de expansão de consumo de Teatro, museus e shows entre as classes de famílias com rendimentos menores que R$ 9.540 e que representam cerca de 87% da população.

Queremos acreditar que, passada a pandemia da covid-19, teremos aprendido muitas coisas sobre o Teatro na Internet, como o ao vivo e o gravado, o mercado dos *likes* e dos algoritmos. Por outro lado, estaremos tão desejosos de eventos coletivos que as produções teatrais, a meu ver, serão muito demandadas.

[18] Temos conhecimento do estudo das artes sobre presença do corpo ao vivo, telepresença e hibridismos das artes cênicas e tecnologias digitais e analógicas.

Mas também sabemos que já estamos numa recessão e com altos índices de desemprego, e o Teatro e outras atividades culturais e de lazer nunca foram prioridade em contextos de necessidade de sustento e sobrevivência.

Então, não nos esqueçamos de que o setor cultural é muito incipiente e vulnerável a forças maiores econômicas. Nesse sentido, outra luz para a possibilidade de expansão desse setor é a junção econômica e política (por exemplo, planos de cultura realmente coletivos) daqueles ocupados com atividades artísticas e culturais, para juntos elaborarem um sistema de circulação que se contraponha ao sistema determinado pelo grande capital que move a indústria cultural.

Nunca é pouco dizer que o papel do Estado, como facilitador da impulsão do setor cultural e da aglutinação de interesses comuns culturais, é fundamental nessa empreitada.

Recebido em: 10/08/2020
Aceito em: 04/10/2020

Referências

CABRAL. Umberlândia. **País tem quase 40% da população em municípios sem salas de cinema.** Agência IBGE Notícias. 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/26239-pais-tem-quase-40-da-populacao-em-municipios-sem-salas-de-cinema>. Acesso em: 20 jul. 2020.

G1. **Maioria da população de Sergipe se autodeclara preta ou parda, diz IBGE.** 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2019/11/13/maioria-da-populacao-de-sergipe-se-autodeclara-preta-ou-parda-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 05 jul. 2020.

IBGE. **Sistema de informações e indicadores culturais: 2007-2018.** Coordenação de População e Indicadores Sociais. IBGE: Rio de Janeiro, 2019a.

IBGE. **SIIC 2007-2018: Setor cultural ocupa 5,2 milhões de pessoas em 2018, tendo movimentado R$ 226 bilhões no ano anterior.** 2019b. Agência IBGE Notícias. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/26235-siic-2007-2018-setor-cultural-

ocupa-5-2-milhoes-de-pessoas-em-2018-tendo-movimentado-r-226-bilhoes-no-ano-anterior>. Acesso em: 20 jul. 2020.
NERY, Carmen. **Participação da cultura no orçamento reduz em todas esferas de governo em 2018.** Agência IBGE Notícias. 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/26238-participacao-da-cultura-no-orcamento-reduz-em-todas-esferas-de-governo-em-2018>. Acesso em: 20 jul. 2020.